

Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

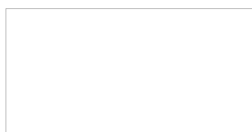
Resenhas

Textos literários

Edições Anteriores



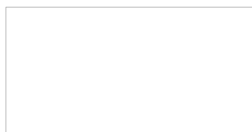
Veja também



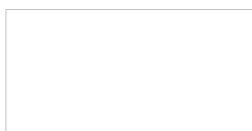
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

A TÊNUE LINHA ENTRE A BELEZA E O HORROR

Julio Cesar Machado^[1]

O que causa uma obra de arte? A técnica, a inspiração, o acaso ou a intensidade vivida?

Não importa, penso ser este conto a razão deste pintor não usar tons vermelhos em seus famosos quadros.

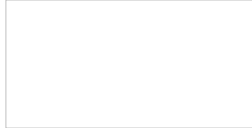
O sodalício e majestade da festa iam bem, antes do concerto da taça de cristal no chão, iniciar seu *staccato* compasso dissonante, anunciando a transformação mágica da ufania em luto.

Os suntuosos guardanapos ornados a ouro e os sinistros candelabros de bronze realçando as gigantescas cortinas de seda, demonstravam de qual pomposidade e nível uma festa se tecia no Castelo D'a Vinci. Qual côrte de Luis XV, seleta nobreza abastada respirava o glamour à *la Belle Époque* na sublime noite de caviar. A lua parecia reverenciar o castelo. Duques, condes, cavaleiros, nobres, monsenhores e bispos, até mesmo o refinado e crítico ditador de moral, Dr. Vegas, apresentável somente em celebrações palaciais – não comparecia sequer a mansões – na ante sala da copa, nutria seu vício de vangloriar o egoísmo da nobreza em reuniões sociais, ornado dos cetros do charuto e do Wisk, que marcavam os rituais previsíveis de diálogos repetitivos de autoexaltação. Como em posição militar, o casal Smith, visitantes da corte francesa, eram acompanhados por seus dois filhos angelicais e adestrados.

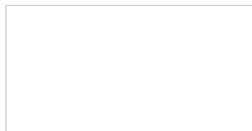
Defronte à lareira, para causar efeito majestoso (ou para aquecer seus frios corações de sangue azul) a arcádia dos moços amantes, versados em anedotas futuristas, típicas da renascença, entretinham-se com pretensões filosóficas, alegrando os anciãos já cansados de mandar e desmandar em vida.

Hierarquicamente, defronte a este saguão dos moços e à ante-sala onde dialogavam Dr. Vegas e seu orgulho, materializava-se a miragem de um grande desfile dos últimos trajes da europa moderna, apresentando aparentemente mais importância que suas donas. Constituía a moda das madames de enfeite, a ostentação do ser, a altivez do poder, a empáfia do querer, e tantas altanarias desta tediosa soberba toda. Não são dignos de menção o quarteto de câmara da viola, cello, violino e contra-baixo, de sapatos semi-novos, nem sequer os ternos andantes e marcados pelo tempo, dos serviçais, que eram ofuscados pela louça de prata. Em verdade, parecia que as peças e garrafas é quem fluuavam no ar em direção à seleta assistência dos convidados.

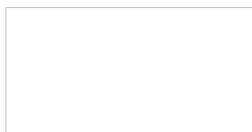
Entretanto, para a admiração dos que não a conheciam, para o ódio das demais madames, e para a cobiça dos detentores de terras, atraia todos os olhares de



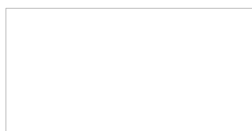
Domínio Público



GEScom



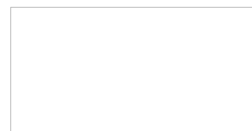
GETerm



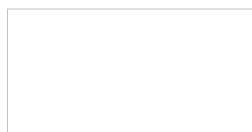
iLteC



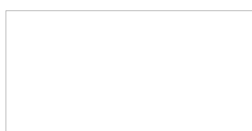
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



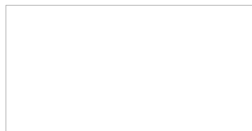
Portal de Revistas Científicas Persee



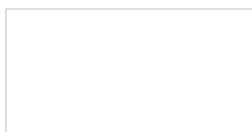
Revue Texto!



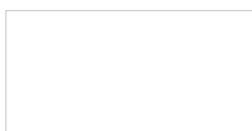
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

todas as personalidades, como o bruxo Copernico dizia que o sol atraia os planetas, a madame Lisa, qual duplo objeto: de desprezo das moças e madames, e de aspiração oculta para os donos do mundo. O parco grupo agraciado com sua amizade pôde vê-la apenas por um instante, no qual com Leonardo, atravessaram o saguão e a infinita sala de jantar preludiada pelos violinistas, e desapareceram nas escadas, produzindo um efeito de uma estrela cadente a iluminar todo o céu. Como cobiçavam invejosamente o lugar de acompanhante ocupado por Leonardo... Sequer ouviram a saudação do anfitrião:

- Queiram nos desculpar, assuntos de negócios...estão bem servidos??

Completo Leonardo, mudando sua mala de couro de mão para os cumprimentos, bem rápidos.

Mas tal pensamento era lacrado pela turba animalesca da nobreza, contida e etiquetada.

* * *

A polícia chocada só pode cobrir o corpo de Francesco, vigia do Italian Bank, vítima desfigurada, provavelmente espancado com a barra vermelha e amarela de ouro, também junto do cofre, já vazio. Alegrava-se o comandante ao abraçar o estupefato faxineiro, até agora debaixo da escrivaninha de pés de marfim – acompanhando sua cor – de onde presenciara o ocorrido. Em gritos, olhos hirtos à frente, e às vezes em posição de ameaça.

- Já ligou para Dr. Vegas, oficial? Conhece toda a nata italiana.

- Não se encontra, senhor.

- O prefeito, Sr. Luis, então?

- Também ausente, senhor, assim como o conde Cavalcanti e o padre Averro.

- Por Joana Darc! Onde raios estão todos os nobres???

- Não se preocupe senhor. É coisa terminada. Já o localizamos. Os cavalos já estão prontos.

O castelo D'a Vinci surpreendia por seus quadros, contrastando sua riqueza com a simplicidade das paisagens, pinturas não comuns no passado e demais objetos de estudo científico, razão principal dos risos do Professor Honor, que gargalhava diante do projeto de "Máquina de voar", ainda sobre a mesa do anfitrião Leonardo, neste momento acompanhando sua amada nos aposentos superiores, após subirem estilosamente – com um certo exagero na velocidade, talvez – os setenta e dois degraus da taj-mahadiano castelo.

- Ah sim, chegou o fim do império da esquerda! - Comemorava o Capitão, já à caminho no seu cavalo negro, com seu companheiro oficial.

O faxineiro agora já saíra de debaixo da mesa...parece que alguém lhe disse ter passado a cena de terror. Conseguiu balbuciar parte da história ao capitão, diante de suas impertinentes interpelações: "o que vira? Precisara de uma pista, pois estaria ainda ao alcance, não queria justiça pelo morto? Da sua boca dependeria a vida de outros vigias noturnos, não entendera, então?"

- Uma linda mulher sem feição, entregava a mala cheia de barras de ouro pra um outro que não vi, talvez não havia outro, podia estar sozinha...mas deixou a mala de lado, e serenamente acertava a barra de ouro na cabeça do vigia que conseguiu implorar misericórdia até o terceiro golpe, quando lhe quebrou o maxilar...

"O que vestira tal mulher?, que se lembrasse, que haveria de diferente que a destacava de outros?...que bebesse água...não, não podiam parar agora...que falasse, falasse mais..." A chocante cena, segundo a testemunha, além da barra de ouro vermelha e

amarela parelhada à serenidade da mulher guerreira, era o anél de brilhantes que nunca vira até então...

Não tivera intenção, mas percebera inevitavelmente a cor vermelha do vestido... "sábria escolha", reconhece o empregado. O sangue jorrante da vítima parecia lustrar, corar e ruborizar ainda mais o suntuoso traje, quando o estrangulava. Já a vítima, em seus últimos momentos, enfrentava não só uma dama em revolta, mas também uma ferrenha batalha filosófica: como o lindo poderia enfeitar tão bem o horrendo? Dura escolha atípica, a fazer: deleitar-se-ia em êxtase de amor, ou desmaiar-se-ia pelo trágico pavor? A cada porretada desfigurante à desmembrar pedaços seus, incandescia sua decisão de escolher espanto ou encanto... Quão ingrata natureza (tum) cede apenas uns segundos (tum) para refletir sobre a tênue linha (tum) entre a fatalidade ou a felicidade... morreu-se de dor ou de dúvida? Não se sabe.

- Ao chegar no castelo, Senhor, havemos de perguntar sorratamente: "ora ora, quem haveria de faltar ou atrasar a esse festivo Vaticano? E os próprios convidados nos revelarão o autor dessas súrdidas proezas de nossa Veneza".

Sem dúvida, nunca a plebe mal cheirosa e desprezível dos trabalhadores poderiam conseguir, quanto menos usar, tal anél. Estava resolvido. Um nobre! Sim, um nobre!

O copo se espatifara no chão em companhia do pincel: ela, já com o punhal na mão. Ele, já escondendo o corpo do fiél Jair, mordomo de tantos anos. Ele, desconcertado e seduzido, já trancando a casa, ela, serena e bela, como em piquenique matinal, se dirige aos convidados...de punhal à mão.

- Vamos nos trocar, voltamos em um minuto. Com licença. Únicas palavras da Vênus reinante, antes de subir as escadas.

Trocar com que intuito? Postura monarca inabalável, acompanhada de original beleza humana, cabível em qualquer vestimenta? Chegaram ao seu quarto, mala na cama, cartola preparada, elixir à mostra. Ao vê-la mais uma vez, Leonardo sentiu incontrolável vontade de pintar...Por quê não? Bastou tomar posição para Lisa ceder, desafiante. "Não achava melhor retirar o sangue das mãos, e aquele que espirrou na excêntrica face?" "Não, que captasse o momento, se conseguisse". Reinou triunfante numa parca cadeira de veludo sem encosto, sorridente e com mão sobre outra, um pouco vermelha, ocultas pelo pincel do pintor. Irradiou um sentido inóspito, desconhecido, incompatível à palavras. Algo como ódio, sarcasmo, delírio e medo. Qualquer coisa contrária à razão e à sobriedade.

O pintor embreou-se no desafio. Ó cena...por uns trinta minutos estáticos, esta avalanche d grotesca e truanesca de Lisa revestida pela beleza, serenidade e desejo, que a dama exalava, era inspiradamente captada por Leonardo. Tudo, tudo! Exceto a verdade. Apreendeu-se o momento, conforme o desafio, já a história guardou-se, e perdeu-se a chave.

-É aqui Senhor, chegamos.

O sorridente Professor Honor apenas sentiu a cócega do punhal em sua garganta, deixando uma linha vermelha. Não houve tempo sequer para odiar seu assassino. Ela conseguira anestesiá-los pelo estapafúrdio: as dezenas de convidados não sabem se se chocaram mais com o assassinato ou com a autora! No contraste, ela fitava-

os sorrindo, eles morriam sem o que pensar.

A próxima a sentir o gelo do punhal foi a filha dos Smiths. Como meninas tão afáveis, corteses e bem educadas, poderiam agora trocar tal delicadeza por galhofas de terror?

Contemplada por poderes dos contos da vassalagem, Lisa causava paralisação de Medusa, quando encarava suas vítimas da frágil nobreza. Como rápido jogo de xadrez, eliminava uma a uma. Mas era criativa quanto à forma. Jamais uma morte igual a outra. Tinha o cuidado de perscrutar os olhos espavoridos, e selecionar os pontos escondidos de maior dor. Os urros anti-éticos indicavam seus acertos. Houve até os que morreram com o apenas pelo impacto do olhar da dama, ao chegar sua vez.

Subitamente, o castelo civilizado vira cortiço amotinado, e não se distinguem personagens: gritos e desmaios vão pintando o ambiente, e o sangue, o chão.

Leonardo percebera à medida em que pintava, que aquele não era um simples quadro...estava quase perfeito. Quase...mas continuava a pincelar,e Lisa, a desfrutar. Perguntara-se a si mesmo o segredo de tal proeza: seria a criação de um álibe? Quem sabe o sempre cantado amor? Seria o efeito da bebida enquanto pinto? A cada pincelada e um gole de wisk, a tela ficava mais bela, esplêndida, realista, extasiando Leonardo. O glamour do momento só é interrompido pela voz inoportuna de Jair. "Que o desculpasse pela entrada". Prosseguiu grave o mordomo:

- A polícia acredita que uma nobre moça, suposta assassina e ladra, esteja entre os convidados. Eles o aguardam.

A taça de cristal ao chão anuncia aos presentes o fim da festa, mesmo sem a valsa. Leonardo e Lisa levantam-se de imediato e se vão, deixando o quadro inacabado.

Os nobres, que confrontam apenas negócios, e nunca homens, apenas assistiam o massacre de seus companheiros: Lisa era rápida e certa, desviava-se das poucas investidas obtidas, desferindo logo as punhaladas. Era objetiva e talentosa. Se houvesse música poder-se-ia afirmar que executava um número de balé. Houve até ocorridos hilários, como as vítimas que escolhiam as costas ao peito. "Como quiser".

A Leonardo coube difícil tarefa de carregar o corpo das vítimas em direção a uma sala de jogos próxima. "Não poderia sobrar nenhum...todos são testemunhas do nosso atraso". A lógica era essa, quem atrasou para a festa, é o nobre assaltante. Embora de ídoles diferentes, pensava junto o sinistro casal. Cabe citar aqui aquela digressão famosa: a diferença é o segredo para uma união estável.

Diante da carnificina, pairava o contraste entre o sangue vermelho nos vestidos alvos e claros das donas, matronas, e madames, escorrendo pelos mármore brancos e sofás de linho, e os mimados nobres que apenas esperavam sua sina, revelando sua inutilidade oculta evidente, aos choros, berros e urina.

De faculdades mentais interrompidas pelo terror, conseguiam só refletir teimosamente, enquanto chegava sua vez, se poderia o ouro não ter valor em alguma situação da vida.

- Entremos capitão, estão a demorar!

- Lembremos de ser educados com o nobre casal anfitrião. Não queremos causar balburdia. Vamos.

A pouca nobreza de Veneza era dizimada. Pouca, mas semelhante a um formigueiro indesejado na mansão da morte. A vez de V. Revma. chegara, "o Sr. Bispo deveria acompanhar o rebanho".

- Faço-te rica, menina! Perdão seus pecados se me deixa viv.. – o punhal não tem ouvidos, adentra a garganta e interrompe as lamúrias finais.

Como este espetáculo único demorasse mais que o calculado, e Leonardo era muito organizado, a afobação contaminara-o. Pelo olhar, reconhecidos de não serem capazes de liquidar tantos nobres em tão pouco tempo, por estarem os restos dos covardes já correndo apavorados pela infinito labirinto do castelo D’Avinci, pararam por instantes, diante do trabalho hercúleo do extermínio. Foi o tempo necessário para a parceria do assassino e do carregador ser flagrada pelos olhos incrédulos dos oficiais, armados por vocação e indefesos por reação.

- Capitão foi ela! Prendam-na, rápido! – Vociferou Leonardo.

Único momento de espanto da vida de Lisa.

Ninguém conhecia a origem nem nada da bela madame. Ele sim. “todos me conhecem”, refletia o astuto pintor, deixando entrever que não fora por acaso que alcançara ouro e prata em vida.

Polícia estagnada, sem parceria testemunhal, solitária na sua decisão, tendo diante de si somente duas evidências: o bom currículo de Leonardo e sua afirmação de acusação, de um lado, e de outro, homens de terno se escondendo, até dentro do armário da cozinha, por sob um cenário apocalíptico e jatos de sangue a jorrar como a fonte da entrada. Puderam até perceber que um houve que conseguiu esconder na fossa, atravessando o banheiro, pela sua magreza. Madames abandonando condes, condes desamparando filhos, inferiores abdicando seus senhores, moços repudiando suas noivas, amantes se despedindo, revelando suas infâmias e deglutição de senhas bancárias, dentre inacreditáveis aberrações de um coliseu de egoísmo e covardia...

Os olhos de Lisa pareciam pistolas inglesas na direção de Leonardo. A noiva da morte encontrara único inimigo à altura: a traição. Fitava Leonardo, num olhar eterno e poderoso! Lágrimas de dragão parecem denunciar sonhos desabados, solidão, abandono e o poço sem fim de ódio e vingança.

Diante da cena, os policiais, quase a defecar e inteirar o grupo dos fujões, recompõem-se, e acreditando em Leonardo, põem-se em busca da jovem dama das cruzadas, subindo os degraus do castelo, agora sim bem rápidos e desprovida de nenhuma etiqueta. Subira mais, até o topo. Leonardo atrás. Chegaram a tempo de vê-la pela ultima vez, na posição de mão sobre mão, olhar flamejante – que juravam tê-los atingido –, semblante recomposto, não obstante inconformada de traição, saltando como para voar.

- Fiz o que pude, tentei socorrer as vítimas.

- Pelo menos está acabado, Sr. Leonardo – concluíram os oficiais.

O pior estava por vir. Dia mais de vergonha que de tristeza, quando os nobres sobreviventes liam o relato de sua covardia nos jornais, ao serem escoraçados por uma moça, que na singeleza de sua pintura ao lado, não aparentava nada de gladiadora...Muitos risos da plebe. Somente um pintor herói ajudara a carregar as vítimas. Os nobres articularam o abafamento do caso comemorando a maioria que não sabia ler, diante dos jornais. E tudo se acabou.

Leonardo livra-se da culpa, mas não da pena de ter uma obra-prima interminável diante de si. Como terminá-la? A modelo se foi, o momento esvaiu-se, a sensação evanesceu-se. Seu consolo: finalizara ao menos o olhar. Sabia disso. Confirmou tal postulado quando do último momento no teto da mansão. Os olhos de Lisa eram os mesmos do quadro. Idênticos, vivos, desafiantes, inabaláveis...“parecem reais” alguns diziam. Olhares imortais no seu quadro que nunca tivera coragem de acabar, alegando falta de tempo. Destruí-lo? Não pode mais. O elixir da paixão habilidade aos seus dedos concedeu, e o pincel a maior obra de sua vida concebeu. Milhares de aclamações “parece estar viva”, ao que indagava “Vês algo mais?”. A admiração das pessoas era a mesma dos que puderam admirá-la fisicamente.


Ainda vê ódio naqueles olhos, mortos pela sua perspicácia e ressurrectos pelo seu talento. Mas não se entristece. De tempos em tempos, quando um sobrevivente lembrava de sua presença fria a carregar os corpos, e lhe acusava de cumplicidade, bastava que o gênio lhe mostrasse o quadro, pra nunca mais ser incomodado.

A história deixa um efeito de fim, quando o gênio, consagrado pelo quadro, tripudiou a demência e a psicose, vingou os mortos, riu do medo e do terror, barganhou o quinhão irônico da liberdade, saindo vivo e endinheirado e escarnecendo do acaso.



Recebido em 18 de abril de 2010

Aceito em 20 de maio de 2010

^[1] Mestrando do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFSCar. julio.semantica@gmail.com


Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site (www.lettras.ufscar.br/linguasagem).



 [Siga a @linguasagem no Twitter](#)
 o que é isso?